

**REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE LEITURA
AO ARTICULAR AS ABORDAGENS
COGNITIVAS E METACOGNITIVAS**

Luciane Zaida F. da Silva Viana (UEMS)

lucianezaida@gmail.com

Milsa Duarte Ramos Vaz (UEMS)

Mr-vaz@bol.com.br

Eliane Maria de Oliveira Giacon (UEMS)

giaconeliane@uems.br

Maria Leda Pinto (UEMS)

leda@uems.br

Nataniel Gomes dos Santos (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo discutir as estratégias de leitura nas Escolas do Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano). A leitura é fundamental para a vida do ser humano, e a escola possui um papel importante no desenvolvimento do hábito de ler. Essa aprendizagem implica habilidades de compreensão, leitura, decodificação, procedimentos, estratégias cognitivas que nos levam a entender o conteúdo do texto. Apesar das transformações ocorridas ao longo dos séculos, poucas mudanças ocorreram, pois muitos educadores ainda estão apegados a uma prática formalista e mecânica onde aprender a ler/escrever acaba sendo para a maioria dos alunos a decoreba de signos linguísticos, pois não há uma decodificação das palavras, lê-se apenas por ler, sem saber o que está lendo e porque está lendo, não há um significado para tal, o mesmo ocorre com a escrita. Ainda apresenta algumas estratégias que o leitor deve utilizar para ajudá-lo na compreensão do texto.

Palavras-chave: Leitura. Conhecimento. Estratégias.

1. Introdução

Este texto visa mostrar a importância de refletir sobre o intenso e contínuo processo ensino-aprendizagem de nossos alunos, pois enquanto professoras de língua portuguesa, às vezes, repleto de questionamentos e incertezas se estamos ou não fazendo a coisa certa, se esta ou aquela estratégia condiz com os objetivos e habilidades elencados no planejamento, pois sabemos que temos responsabilidades ao ensinar a compreender, interpretar o texto dado seja ele qual for porque se pressupõe que o educando já tenha aprendido a ler, mas, infelizmente nos deparamos com uma triste realidade revelada nos primeiros dias de aula, quando alguns

não sabem dizer o que estão lendo, porque ainda apenas decodificam.

Acreditamos que ensinar verdadeiramente aos alunos do 6º ano a entender, verbalizar e seguramente a compreensão do que estão lendo para produzir textos escritos, é tarefa de todos, desde os primeiros dias de aulas uma vez que esperamos que a escola realmente cumpra o seu papel de ensinar habilidades básicas de leitura e escrita no âmbito do estudo da língua materna. Tarefa esta que é árdua para muitos professores do ensino fundamental. Mas o que presenciamos é que muitos alunos ao chegar ao 6º ano ainda apresentam dificuldades de competência leitora básica e não estão aptos a intensificar e aprofundar seus conhecimentos quanto à diversidade de gêneros textuais.

Neste ponto percebemos a importância de estudar os processos de cognição e de metacognição da leitura, visto que o primeiro volta-se para o nível da consciência, quando o leitor pergunta algo sobre o texto e faz uma reflexão dela, dentre outras tantas que envolvem as habilidades de leitura. Já, o segundo processo refere-se ao nível do inconsciente, quando o leitor pergunta (questiona) algo durante a leitura e para numa reflexão a respeito do que está lendo ao buscar respostas durante o processo de compreensão.

Assim vale ressaltar que a metacognição serve para diminuir as possíveis dificuldades que surgem durante a leitura, principalmente, porque se fala tanto em proficiência do leitor e até nos resultados dos índices de avaliação do governo há o nível de proficiência da leitura, da qual a maioria dos alunos dos anos finais da educação básica ainda não atingiu. Este motivo é relevante devido à cobrança empreendida constantemente a nós, professores de língua portuguesa, para atingir alvos, contudo compreendemos que ao final da caminhada não alcançam o nível tão desejado da competência leitora: de proficiência, sendo portanto de suma importância que conheçam estes conceitos, pois inúmeras vezes trabalham tanto a leitura na sala de aula, interpretação, produção de textos e não têm os objetivos alcançados.

Por isso, o planejamento é extremamente importante para o professor, porque neste momento de reflexão e elaboração de atividades para desenvolver este ou aquele conteúdo, para que o conhecimento seja alcançado e aprendido deve-se oportunizar por meio de estratégias de leitura e escrita, que os alunos realmente consigam aprender o que está sendo ensinado. Neste sentido a abordagem cognitivista deve se fazer presente quando se vê a aprendizagem do educando num processo individual, par-

ticular, constante, ativo e, principalmente, o envolvendo na participação para a aquisição do conhecimento, assim ele poderá criar, interpretar, compreender, avaliar as situações e até as informações que vai adquirir durante o processo.

Além disso, conta-se também com a metacognição para auxiliar os alunos e professores na recuperação do texto, quando se vê que há um problema durante a leitura, uma dúvida para ser esclarecida e propõe-se uma correção, esclarecimento a fim de ir adiante da simples leitura rápida concentrada no conteúdo para um processo de interação entre professor e aluno até torná-lo um leitor autônomo.

Ler não é apenas decodificar palavras escritas para serem lidas de forma cadenciada, mecanicamente soletrada de uma metodologia cansativa e, às vezes, sem sentido, como era no passado, pois alguns alunos ao terminar a oralização do texto e ser questionados a respeito do que entenderam dizem que simplesmente não entenderam nada. Assim, o professor se frustra ao tentar interrogá-lo, pois por vezes tenta sem sucesso porque não tem como obter respostas sobre aquilo que ainda não foi trabalhado em sala de aula. Desta forma, se faz necessário ensinar a ler, de modo que a criança compreenda o que diz o texto, relate o entendimento e, conseqüentemente, escreva sobre o assunto ou o intertextualize com outros textos.

Desse modo produzir mais e mais textos escritos sem medo de pegar no lápis e deixar que seu conhecimento tome formas no papel em branco com palavras, que lado a lado vão construindo sentido dando origem ao texto, eixo principal do ensino fundamental.

Ler vai muito além da leitura do mundo, daquilo que nos rodeiam, assim como dizia Paulo Freire a leitura da “palavra mundo” nos mostra tal importância do ato de ler desde o momento em que nascemos estamos entregues a realização da leitura que vai acontecendo dia a dia por meio de letras, sílabas, palavras, sentenças, orações, períodos simples ou compostos em textos dos mais variados gêneros, em uma grande quantidade de textos reais ou imaginários que vão se construindo ao longo de nossas vidas.

Por que então se lembrar da importância do ato de ler? Será talvez porque dele surgem magicamente construídos os textos escritos, bem como a importância do ato de escrever? É notório que se os nossos alunos chegam ao final do quinto ano sem nenhuma base de leitura e escrita de texto é provável que por um certo tempo poderá carregar consigo al-

gumas dificuldades de aprendizagem que os impedirão avançar mais rápido intelectualmente.

2. *Leitura do sexto ao nono ano*

Por que às vezes é tão difícil escrever um texto, seja ele qual for independente do gênero escolhido produzir um texto? O que torna a escrita dolorosa e exaustiva para alguns alunos de 6º ao 9º ano, que supostamente já deveriam ter pleno domínio das habilidades básicas de ler e escrever?

Se o ensino fundamental hoje abrange nove anos, o que acontece durante esta caminhada que não completa e satisfaz o processo ensino-aprendizagem do ensino de língua materna? Ainda faltam investimentos em educação básica no Brasil em nome de um país em desenvolvimento? Além disso, onde estão as falhas? Porque os índices mostram que ainda há muito a ser feito quanto ao desenvolvimento da compreensão leitora de crianças e adolescentes brasileiras para serem considerados proficientes?

É relevante enfatizar que para se ensinar a língua com a diversidade de gêneros textuais conforme preconiza os *Parâmetros Curriculares Nacionais* nossas crianças devem ser alfabetizadas e assim promovidas do primeiro para o segundo ano, mas muitas vezes o que acontece é exatamente o contrário, chegam ao 2º ano sem sequer conhecer o alfabeto. Mesmo assim já lhes apresentam os gêneros e exige-se que a criança leia este ou aquele texto sem ao menos ter realizado um diagnóstico do seu processo de leitura. Ou ainda, considerar talvez os aspectos socio-cognitivos e metacognitivos da leitura e escrita tomadas como práticas efetivas na esperança de formar leitores e escritores competentes e capazes de exercerem seus direitos e deveres na sociedade. Este realmente deve ser o maior desejo, ou melhor, objetivo de todo professor de língua portuguesa.

O professor deve saber que a aquisição do conhecimento pelo aluno mostra que ele já traz saberes pré-embutidos de seu mundo letrado, que poderia ser melhor explorado pelo mestre ao servir de motivação, quando recorre a recursos como histórias em quadrinhos, tirinhas, poemas, dentre tantos gêneros é o de permitir que o aluno enxergue o que não está exclusivamente escrito, mas veja criticamente o mundo que o cerca ao atribuir-lhe sentido, pois quando ele questiona: para quê estamos

estudando isto? Para quê serve?

Desse modo estamos diante de um importante evento de letramento que deve ser explorado plenamente pelo professor em sala de aula que se fosse realmente considerado no processo de aquisição deixaria o conteúdo, que infelizmente desconsidera os saberes que o aluno traz consigo.

No entanto, esta é a prática que inúmeras vezes é acolhida pelos mestres, arraigada no passado desde a criação dos livros didáticos, das famosas cartilhas, pois quem não se lembra da querida cartilha Caminho Suave, na qual muitos de nós fomos alfabetizados? E hoje descobrimos que fomos caladas pelo sistema promotor de aprovações, que não percebe o quanto nossas crianças ainda precisam ir muito mais longe para realmente serem consideradas aptas para o próximo ano escolar.

Se os livros didáticos e paradidáticos foram criados nos Estados Unidos, nas décadas de 50 e 60, para nivelar um leitor universal, de competência restrita e com objetivos bem definidos ao seguir rigorosamente as chamadas fórmulas de inteligibilidade, era necessária a utilização de uma linguagem mais simples, que não permitia ir além das seriadas lições do primário ao secundário. Por que então o nosso país adota a política do livro didático em todo território nacional? E ainda dá ao professor a tarefa de escolher aquele que satisfaça aos seus anseios? É óbvio que não satisfaz, visto que o sistema educacional apresenta impasses difíceis de serem resolvidos devido a forte relação com o capital. Pior ainda é ver que a literatura foi reduzida a um gênero de acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Como trabalhar a leitura dos clássicos da nossa literatura se ela foi reduzida a fragmentos dentro dos livros didáticos.

Entretanto, é possível sim promover a literatura em nossas salas de aula levando aos alunos textos completos não fragmentados de obras, que deveriam ser vistas na íntegra apesar de todos os obstáculos que surgem devido à falta de exemplares dentro das bibliotecas públicas, mas a tecnologia está aí e deve ser usada como forte recurso de apoio ao professor dentro e fora da escola.

O professor de língua portuguesa pode desenvolver diversas atividades de leitura em sala de aula ao considerar as habilidades cognitivas de cada aluno, uma vez que o conhecimento se constrói individualmente considerando inclusive seu estilo de aprender, suas diferenças, seu conhecimento prévio sobre o assunto a ser tratado, mas quanto ao ensino da

norma padrão da língua é claro que algumas estruturas o aluno ainda não tenha armazenado, nesse momento é preciso oferecer condições para que o aprendiz adquira novas estruturas e noções de gramática.

Vale lembrar agora a teoria de Wallon que vê a aprendizagem ocorrendo na interação, onde a escola funciona como meio promotor do desenvolvimento, sendo um lugar de troca em que se elaboram as condições necessárias, a fim de que o aluno possa construir conceitos, noções, ideias e, conseqüentemente, seja capaz de transformar a sociedade na qual está inserido.

Enfim, ainda havia muitas coisas que gostaríamos de refletir, mas cabe salientar a importância de se reorganizar o processo da leitura em sala de aula, que dentre outras coisas consiste numa das práticas da língua, que dela dependem as outras, para que o aluno interprete, compreenda o texto, produza diferentes gêneros textuais e realize a análise linguística de forma a perceber que a língua está em constante evolução, ao considerar que o aluno já traz uma variedade com ele e necessita aprender a língua culta como acréscimo e não em substituição à língua falada sempre em busca de uma aprendizagem significativa.

3. Estratégias de leitura

A prática da leitura sempre esteve entre as discussões no meio acadêmico, porém sabe-se também que este processo por um longo período era privilégio para poucos e muitas vezes as mulheres não podiam nem pensar em aprender a ler quanto mais procurar o que ler.

Pouco tempo depois por necessidade de cuidar das crianças é que a leitura passou a fazer parte da vida do sexo feminino. Assim, é provável que a leitura tenha iniciado de maneira humilde em casa. Já na escola, ela pode ter ficado em último plano e ainda hoje é complexo falar desse assunto para gestores escolares e equipe técnica de escolas, quando estes ainda não acreditam que essa prática é primordial dentro de uma escola que tem por objetivo o sucesso dos seus alunos.

Atualmente podemos afirmar que vivemos em outro contexto e o ato de ler passou a ser uma necessidade numa coletividade literata, onde ler é muito mais do que decifrar códigos e sim compreender, interpretar, interagir e dar sentido a que os autores escrevem.

Os educadores devem ter conhecimento de que para que seus alu-

nos cheguem a ser um leitor autônomo é preciso antes de tudo que saibam que os conhecimentos linguísticos contribuem para que a compreensão textual aconteça, porém a leitura de um texto atua com saberes que vão muito, além dessas noções e conceitos.

Além disso, precisamos fazer com que os estudantes entrem em contato com a diversidade de textos que circulam na sociedade para então, agir com os contextos neles presentes. E por último, dar condições concretas de leitura que incluem desde materiais como os livros até os objetivos claros, como por exemplo, o interesse pelos diversos gêneros. Vale ressaltar que é papel dos docentes, incentivar aos alunos a ler os livros clássicos, pois é de fundamental importância para que tenham o conhecimento por completo, uma vez que essa literatura é a que dá suporte para que o homem desenvolva sua personalidade.

Antonio Candido afirma que a literatura tem a capacidade de “confirmar a humanidade do homem”, derivando, entre suas funções a de “satisfazer à necessidade universal de fantasia, contribuir para a formação da personalidade e ser uma forma de conhecimento do mundo e do ser” (cf. CANDIDO, 1972, p. 12).

Muitas vezes o aluno não tem condições ou interesse de ler um clássico, mas é função do professor de literatura sempre prepará-lo por meio de filmes ou pequenos textos até que ele esteja apto a realizar a leitura de um livro clássico por inteiro.

A maneira com que o professor conduz o ensino da literatura na sala de aula causa polêmica, pois, na atualidade as novas tecnologias tomam o lugar dos livros e há dúvidas de como resolver essa situação. Leyla Perrone-Moisés responde a essa problemática:

Confesso que não vejo muito bem como poderíamos remediar esses males sem uma reforma geral das sociedades contemporâneas. Sugeria paliativos: melhorar o estudo das “humanidades” e da literatura em nossas escolas e universidades; “opormo-nos ativamente às manipulações insolentes, políticas e comerciais que se praticam hoje sob a máscara da palavra “cultura”; aconselhar os editores a não investir só nos Best-sellers, mas a “apostar na pluralidade dos gostos, das paixões e das tendências”. Se todas as minorias reclamam os seus direitos, por que não os reclamaria a minoria representada pelos leitores de alta literatura? (PERRONE-MOISÉS, p. 213).

Portanto, a responsabilidade das políticas públicas é capacitar os professores para que estes promovam a leitura dos clássicos sem esquecer as minorias. Para tanto, as práticas em sala de aula devem partir de leituras compartilhadas para posteriormente o aluno ler individualmente

com autonomia e motivação.

Para tanto, os professores precisam saber como fazer acontecer a leitura em sala desde os primeiros dias de aulas, mas infelizmente na maioria das vezes é mais fácil oportunizar exercícios com muita cópia do que propor atividades de compreensão leitora que envolvam os aspectos acima relacionados.

É óbvio que um trabalho com a leitura compreensiva e significativa requer um esforço muito maior por parte do professor e também do aluno. Então estudar as propostas de autores como: Geraldí, Leffa, Meurer, Smith, Solé, Perrone, entre outros, farão toda a diferença na hora de planejar uma aula de leitura com objetivos e estratégias claras.

Depois de ler, discutir e interagir com esses autores as aulas de leitura certamente terão outros enfoques e quem ganhará com essa prática são os alunos, pois o que aprenderão seguramente levarão para vida toda, particularmente, fora da escola de educação básica.

De acordo com Solé (2008, p. 133) “não é possível estabelecer limites claros entre o que acontece antes, durante e depois da leitura”, mas que para um leitor ativo é admissível que haja algo a ser feito para que se incentive a compreensão durante o procedimento de leitura. Este procedimento não pode ser assimilado a passos muito severos, pois se trata de “uma atividade cognitiva complexa guiada pela intencionalidade do leitor”.

Assim a autora exhibe algumas dessas estratégias como maneiras de ajudar na compreensão leitora e explica que são pontos de vista, já que para outros autores como Moore & Cinningan há para determinadas estratégias, distintas compreensões.

A primeira estratégia se pauta na ideia principal. Em relação a esta estratégia existem divergências, mas todos são unânimes em dizer que ensinar a leitura por meio dessa estratégia funciona. Solé ressalta que antes da prática é preciso distinguir o tema da ideia principal para que não haja confusão terminológica.

Para Aulls (1990) o tema sugere aquilo do que aborda um texto e pode explanar-se mediante um termo ou sintagma. Já a ideia principal informa implícita ou explicitamente sobre o enunciado.

De posse dessas informações o leitor tanto jovem como adulto terá maior facilidade de compreensão da informação e desta forma inter-

pretará melhor.

Outra estratégia explicitada por Solé (2008, p. 143) é a elaboração do resumo. As ideias principais e o tema não podem ser citados como o resumo de um texto, porque para que se tenha um resumo há a necessidade de que este se materialize em uma forma escrita e um sistema de relação que em geral não resultam inteiramente da identificação ou da construção das ideias principais de um texto.

Para se ensinar essa estratégia se faz necessário tratar da relação entre a leitura e a escrita. Da mesma forma que na primeira estratégia – a ideia principal – existem controvérsias entre os autores sobre o ensino dessa estratégia, pois é preciso levar em conta conceitos como macroestrutura porque o que é menos importante pode ficar de fora e o que é se- leto deve ser conservado no texto.

Também é preciso que os professores compreendam que para se fazer um resumo é preciso mudar a maneira de solicitar aos alunos que façam o resumo ou que resumam um ou outro parágrafo do texto, então é necessário que se estabeleça o respeito ao uso de regras pré-estabelecidas essenciais para que os alunos aprendam realmente a resumir os textos e que estes sejam completos e não fragmentados.

A última estratégia é a formulação de perguntas e respostas. Esta é sem dúvida nenhuma a mais utilizada, tanto oralmente como por escrito. Além disso, é muito presente nos livros didáticos o que facilita para o professor.

Solé (2008, p. 155) explica que o próprio professor servirá como exemplo aos seus alunos. É por meio das perguntas feitas pelos docentes, durante o processo de leitura, é que levarão os discentes a atuarem como formuladores de perguntas com respostas aprendendo melhor os conceitos existentes em cada texto. Essas perguntas certamente poderão refletir o tema e as ideias principais do texto.

4. Conclusões

Com essas informações pode-se deduzir que todas as estratégias acabam se entrelaçando e o mais interessante são os benefícios relacionados à compreensão da leitura que os alunos aprendem.

Portanto, pode-se concluir que a identificação das ideias principais, o resumo e a formulação de perguntas e respostas deve ser estudada

pelos professores e ensinadas nas escolas. Essas tarefas referem-se especialmente ao ensino da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ANTUNES, W. de A. *Lendo e formando leitores*. São Paulo, Global. 2000

KATO, Mary A. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1993.

VILLANUEVA, Ezequiel Briz. *Didáctica de la lengua y la literatura para primaria*. Madrid.1990.

CANDIDO, A. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. São Paulo, Duas, 1995

COLOMER, Teresa; CAMPS, A. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

JOLIBERT, J. *Formando crianças leitoras*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KAUFMAN, Ana M.; RODRIGUEZ, Maria E. *Escola, leitura e produção de textos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KLEIMAN, A. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1995.

LEFFA, Vilson José; PEREIRA, A. E. (Orgs.). *Ensino de leitura e produção textual: alternativas de renovação*. Pelotas: Educat, 1999.

LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1996.

MARTINS, M. H. *O que é leitura*. São Paulo: Cultrix, 1973

MARCUSCHI, L. *Da fala para escrita: processos de retextualização*. São Paulo, 2001.

MEURER, José Luiz; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). *Parâmetros de textualização*. Santa Maria: Editora 4.

PCN – *Parâmetros curriculares nacionais – língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1998.

SMITH, F. *Leitura significativa*. Porto Alegre: ARTMED, 1999.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artmed. 2008.